



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

Natan Veloso da Silva

**Ancestralidade e cultura - Vida e morte do Boi das 3
estrelas no Puxadinho do São Lourenço Légua;
Marituba – PA.**

BELÉM, PA.

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

Natan Veloso da Silva

**Ancestralidade e cultura - Vida e morte do Boi das 3
estrelas no Puxadinho do São Lourenço Légua;
Marituba – PA.**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado no
Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ivone Maria Xavier de
Amorim Almeida.

BELÉM, PA.

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S586a Silva, Natan Veloso da
 Ancestralidade e cultura - Vida e morte do Boi das 3 estrelas no
 Puxadinho do São Lourenço Légua; Marituba – PA / Natan Veloso da
 Silva – 2023.
 14 f.

 Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida.

 Artigo de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
 Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e
 Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.

 1. Teatro folclórico brasileiro. 2. Festas religiosas -- Pará. 3. Boi de
 encantaria. I. Título.

CDD - 23. ed. 398.098115

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Ao décimo nono dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às dezoito horas, reuniu-se, na sala 26, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelas professoras **Prof.ª Drª Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida** (Orientadora e Presidente), **Prof.ª Dra Ana Flávia de Mello Mendes** (Examinadora) e **Prof.ª Dra. Ana Karine Jansen de Amorim** (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluno **Natan Veloso da Silva**, intitulado "**Ancestralidade e cultura - vida e morte do Boi das 3 estrelas no Puxadinho do São Lourenço Légua; Marituba – PA**". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:


O trabalho foi Aprovado com conceito Excedente,
feitas as seguintes observações: _____

e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 19 de junho de 2023.


Prof.ª Drª Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Orientadora e Presidente de Banca

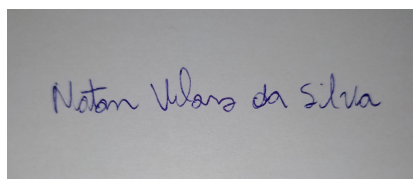

Prof.ª Dra Ana Flávia de Mello Mendes
Examinadora


Prof.ª Dra. Ana Karine Jansen de Amorim
Examinadora

Endereço: Travessa Dom Romualdo de Seixas, nº 820 – Umarizal – Belém/PA – CEP: 66.050-110
Contatos: (91) 3212-5050 | e-mail: secacademicetdufa@gmail.com

Digitizado com CamScanner

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste artigo de conclusão de curso por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

A rectangular box containing a handwritten signature in blue ink that reads "Natam Veloso da Silva".

Assinatura: _____

NATAN VELOSO DA SILVA

Local e Data: _____ Belém, 23 de junho de 2023 _____

**Ancestralidade e cultura - Vida e morte do Boi das 3 estrelas no
Puxadinho do São Lourenço Légua; Marituba – PA.**

Natan Veloso da Silva^{1*}

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida²

Resumo

O presente artigo, intitulado Ancestralidade e cultura - Vida e morte do Boi das 3 estrelas no Puxadinho do São Lourenço Légua; Marituba – PA é resultado das atividades como bolsista PIBIPA ETDUFPA/ICA/UFPA (período 2021/2022), na execução do Plano de Trabalho *Festas, Brincadeiras e Ritos de passagem na casa de Mina Jeje Nagô, no distrito de Marituba-Pa*, vinculado ao projeto de pesquisa *Festas, Brincadeiras, Cortejos, Procissões e Atos Devocionais: Estudos sobre Manifestações artísticas e culturais na Amazônia*, coordenado pela professora do curso de Licenciatura em Teatro da ETDUFPA/UFPA, Ivone Xavier. Neste sentido, este artigo intenciona refletir sobre a brincadeira do Boi, do Boi de Encantaria realizada no Terreiro do São Lourenço ao mesmo tempo em que reflete sobre a vitalidade desta prática artístico-cultural no Brasil e mais particularmente, na Amazônia paraense, com destaque para o terreiro de Mina Jeje Nagô no município de Marituba, Pará.

Palavras-chave: ancestralidade; religiosidade; brincadeira do Boi; Boi de Encantaria.

Abstract

This article, entitled Ancestry and culture - Life and death of the 3-star ox in Puxadinho do São Lourenço Légua; Marituba – PA is the result of the activity of a PIBIPA ETDUFPA/ICA/UFPA scholarship holder (2021/2022 period), in the in the execution of the Work Plan Festivals, Games and Rites of Passage in the house of Mina Jeje Nagô, in the district of Marituba-Pa, linked to the research project Festivals, Games, Parades, Processions and Devotional Acts: Studies on Artistic and Cultural Manifestations in the Amazon, coordinated by the professor of the Degree in Theater of ETDUFPA/UFPA, Ivone Xavier. In this sense, this article intends to reflect on the play of the Ox, the Ox of Encantaria held in the Terreiro do São Lourenço at the same time as it reflects on the vitality of this artistic-cultural practice in Brazil and more particularly, in the Amazon of Pará, with emphasis on the house of Mina Jeje Nagô in the municipality of Marituba execution of the Work Plan Festivals, Games and Rites of Passage in the house of Mina Jeje Nagô in the municipality of Marituba, Pará.

Keywords: ancestry; religiosity; Ox play; Ox of Encantaria

^{1*}Graduando do Curso de Licenciatura em Teatro, Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará.

² Doutora em História Social, Mestre em Antropologia Social, bacharel em Ciências Sociais. Professora do Curso de Licenciatura em Teatro, Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará. Orientadora.

Considerações iniciais

Este artigo é resultado de minha experiência como bolsista PIBIPA (2021-2022) vinculada ao do projeto de pesquisa Festas, Brincadeiras, Cortejos, Procissões e Atos Devocionais: Estudos sobre Manifestações artísticas e culturais na Amazônia-ETDUFPA/UFGA/CNPq, coordenado pela prof^a, Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida, no curso de licenciatura em Teatro. Todo percurso de execução de Plano de Atividades vinculado à pesquisa acima citada teve como locus o terreiro de Mina Jeje Nagô, casa de São Lourenço, em Marituba, Pa, e foi desdobrado em dois momentos distintos; a saber 1) que etnógrafa a brincadeira do Boi nos espaços da Casa de São Lourenço e o 2) ritos de passagem após o desencarne de um babalorixá. Ambos os eventos vividos ao mesmo tempo por diversos corpos, dentro de um mesmo âmbito de convivência e a relação com novos meios de viver este mesmo espaço.

Meu contato com o terreiro do São Lourenço Légua, caboclo da família de encantaria Codoense, onde a brincadeira do Boi das três Estrelas acontece. Este período de brincadeira do Boi das três estrelas coincide com eventos rituais internos do terreiro, marcados por obrigações religiosas dos filhos de São Lourenço Légua. Neste período também ocorrem os rituais de cura e de passes àqueles integrantes da comunidade que buscam conforto para problemas de ordem física e espiritual junto à Família de Légua.

O Boi Bumbá como lugar de pertencimento nas culturas

De acordo com Almeida & Santos (2012) o Boi-Bumbá ou Bumba-meu-Boi é um folguedo popular que acontece em quase todo o Brasil, sendo considerado como dança dramática nacional, uma vez que é o auto popular mais historicamente reprimido, controlado e censurado pelo poder constituído em mais de três séculos de existência. Para Marques (1999), o Boi-Bumbá ou Bumba meu-Boi possui um delineamento histórico que, em vez de reduzi-lo a um objeto museificado, ampliou sua natureza simbólica multifacetada, permitindo-lhe adquirir características peculiares que o transformaram de brinquedo de negros em dança-mãe de todas as manifestações populares no Brasil.

O Boi-Bumbá é uma manifestação de caráter popular que se tornou conhecida, sobretudo no litoral do nordeste brasileiro, a partir das últimas décadas do século XVII. Essa manifestação tem seu início nos engenhos de açúcar e fazendas de gado. Segundo Marques (1999), essa manifestação, desde sua origem, foi criada para servir de meio de comunicação oral dos índios, escravos, crioulos, mamelucos e mestiços, com uma linha editorial política, onde o tom reivindicativo e de crítica social de costumes expressava-se na narrativa produzida e reproduzida de seu discurso simbólico, de seu roteiro comunicativo.

Como auto popular, o Boi-Bumbá nasce no final do século XVII em meio a lutas sociais, agitado pelos grandes combates entre senhores e escravos, índios e brancos no seio da sociedade patriarcal e escravista de um Brasil colonial, pressionado pelas revoltas populares. Para Almeida & Santos (2012), tal fato revela que, pelo menos no Brasil, o processo histórico de construção de identidades culturais foi marcado (e ainda o é) pelo antagonismo materializado nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vida das classes subalternas em seu movimento de conter e resistir às pressões da elite dirigente.

De acordo com Charone (2009), o choque cultural sobreveio no momento em que os europeus trataram de escravizar os nativos, obrigando-os ao trabalho agrícola. Como em muitas culturas consideradas primitivas, a divisão de trabalho em diversas tribos indígenas brasileiras dependia do sexo, exigir de um índio que trabalhasse a terra, plantasse e colhesse, era agredi-lo violentamente em seu ethos cultural.

(...) é, pois, como auto popular que o Bumba-meu-Boi sai às ruas das vilas e povoados, incitando as populações à participação, através de uma fala provocadora que, já no século XIX, desperta os cronistas de jornais de vida efêmera a notificá-lo como acontecimento marginal (MARQUES, 1999, p. 56).

Embora acontecimento marginal, o Boi-Bumbá se torna uma sátira ao patriarcalismo escravista: do fazendeiro que massacra negros e índios, mas baixa a cabeça para a nobreza; do doutor burguês, estudante de Coimbra, metido a entender de tudo, mas que no fim, só consegue resolver o problema

com a ajuda do curandeiro; do delegado autoritário, valente com a tropa e covarde sem ela; e do sacerdote, sempre pronto a atender as elites com base em um discurso populista. Todos caricaturados em personagens, onde a inversão de papéis e de discursos violentos torna-se uma espécie de ajuste de contas.

Segundo Almeida e Santos (2012) é nesse contexto que o Boi-Bumbá se espalha por todo o território nacional, assumindo nitidamente os contornos de uma cultura popular, uma cultura que traz em seu discurso a visão que o oprimido possui sobre ele mesmo e sobre a realidade que o cerca. É precisamente por conta dessa marca que essa manifestação cultural vai ser duramente reprimida, controlada. Entretanto, como as elites não conseguem de todo reprimi-la, ela vai lentamente sendo domesticada, até ser incorporada como uma expressão de identidade nacional. Simultaneamente, como bem salienta Hall (2006), o processo de domesticação/incorporação é marcado por uma luta contínua, irregular e desigual, na relação com a cultura dominante. Nessa dinâmica, a cultura passa, constantemente, por processos de desorganização e reorganização. Há pontos de resistência e momentos de superação. Esta é a dialética da produção cultural. Na contemporaneidade, se estabelece uma luta contínua que ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, transformando-se, assim, o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2006).

Ancestralidade, religiosidade e brincadeira do Boi na Família Légua

De acordo com Ahlert e Lima (2019), a família de Légua constitui uma classe de espíritos cultuados em diversas religiões afro-brasileiras, notadamente no norte do Brasil. As entidades desta falange espiritual relacionam-se entre si pelo parentesco com Légua Boji Buá, considerado o patriarca da família. Desempenham uma função basilar no tereco, culto sincrético desenvolvido nos arredores da cidade de Codó, no estado do

Maranhão, sendo também cultuados no tambor de mina, embora menos frequentemente.

Quase toda essa família vem da região de Codó, município situado no cerrado maranhense e na bacia do Rio Itapecuru. Segundo Ahlert e Lima (2019) todos eles e elas foram lavradores e vaqueiros que andaram pelas estradas desse Brasil por algum motivo ou razão estão de volta, mas na forma de espíritos para ajudar e guiar seus filhos de Umbanda nessa imensa batalha contra o mal.

Os caboclos e as caboclas, em geral, são negros e têm como líder Seu Légua-Boji. Segundo Prandi (1997, p. 38) "são entidades menos civilizadas e menos nobres que viveram geralmente em lugares afastados das grandes cidades e pouco conhecidos que sempre costumam vir beirando o mar ou "igarapés." São eles: Zé Raimundo Boji Buá; Joana Gunça; Maria de Légua; Oscar de Légua; Teresa de Légua; Pedro Légua; Zé de Légua; Dorinha Boji Buá; Antônio de Légua; Aderaldo Boji Buá; Expedito de Légua; Lourenço de Légua; Aleixo Boji Buá; Mariano Légua ;Pequeninho Manezinho Buá; Zulmira de Légua; Mearim; Folha Seca; Maria Rosa; Caboclinho; João de Légua; Joaquinzinho de Légua; Dona Maria José; Coli Maneiro; Martinho; Miguelzinho Buá; Juliana légua; Antônia légua; Hilda légua; Codozinho; Joana légua; Zé Pretinho; Francisca légua. Cores: mariscado de Nanã, marrom, verde e vermelho.

Em decorrência dos integrantes da Família Légua Boji terem sido, na vida terrena, lavradores e vaqueiros, existe grande inclinação para a realização da brincadeira do Boi, especificamente do Boi Encantado ou Boi de Encantaria, considerado uma espécie de "tradição" em terreiros de Umbanda em várias localidades do estado de Maranhão. Todavia essa "tradição" não se estende para o estado do Pará, nos terreiros de Umbanda com linha da Família Légua Boji, e os que existem, como o caso do Boi das Três Estrelas, no terreiro de São Lourenço, localizada no Bairro da Pedreirinha, na cidade de Marituba, região metropolitana de Belém (PA).

De acordo com Melo, Rosi e Barroso (2022), o inventário de patrimonialização realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (IPHAN) do Maranhão publicado em 2011 aponta algumas pistas sobre as manifestações culturais dos bois de encantaria,

[...] primordialmente mostrando a forte ligação das culturas dos bumba-meu-boi com terreiros das religiões afro diaspóricas, principalmente do Tambor de Mina. Assim como na toada do Bumba-meu-boi de Maracanã, que nos faz perceber essa ligação com as tradições do Tambor de Mina, cantando aos reis das encantarias ao modo de uma abertura litúrgica de rituais afro diaspóricos. Devemos assim, evidenciar o sagrado presente nos bois e que muitas vezes se configuram a partir de um catolicismo popular, onde diversos santos ganham reverências, principalmente os juninos, conjugados a diversas entidades afro diaspóricas, como o caso de Légua Boji Buá (MELO; ROSI; BARROSO; 2022, p. 68)

Ainda de acordo com Melo (et ali, 2022) “os bois de encantaria nascem por desejo ou pedido de um encantado e em alguns casos nem são publicamente apresentados à comunidade, nascem, batizam-se e morrem nos espaços do próprio terreiro” (2022, p. 72) e também, “não têm uma organização muito complexa, pois neles os brincantes costumam ser os pais e filhos de santo, tocadores e auxiliares dos terreiros. Mas alguns deles costumam contar com a participação de grupos de Boi comandados por pessoas amigas ou cujo dono é devoto da entidade a que pertence o bozinho e para quem é oferecida a brincadeira [...]” (FERRETTI, 2008, p. 5)

A brincadeira do Boi na Casa do São Lourenço Légua – relatos etnográficos

De acordo com Melo, Rosi e Barroso (2022), o Caboclo Lourenço Légua é uma das principais entidades de Babakeleô, sendo seu Codoense ou entidade ligada à Família de Légua. Segundo Prandi (1997) Lourenço é um dos principais codoenses e muito próximo ao seu pai, sendo alegre e desenvolvido. Características que se faziam presente quando incorporado em Babakeleô, já que ele era extremamente respeitado no terreiro e sendo um dos caboclos mais adorados por sua comunidade, inclusive a doutrina citada acima, era uma das marcas registradas desta entidade, sempre entoado com muita alegria por

ele e todos os participantes do terreiro. Devo destacar essas características, pois foi a partir delas que a festividade do “Boi das Três Estrelas” encontra sua sustentação, uma vez que a mesma é realizada durante o festejo dessa entidade. Até a morte do Pai Felipe, cavalo do São Lourenço, a brincadeira do Boi das Três Estrelas ocorria no mês de Outubro, após a Festa do Círio de Nazaré, mais especificamente na segunda quinzena do mês. Com o desencarne do Pai Felipe, as celebrações ao Boi foram suspensas.

Em outubro de 2020 tive meu primeiro contato com o terreiro de São Lourenço, do Pai Felipe, localizado no Bairro da Pedreirinha, na cidade de Marituba. O festejo já estava em seu sétimo dia de atividades, era o momento da culminância onde pude avistar pela primeira vez o Boi das 3 estrelas em sua plenitude e vigor, um filho de santo era quem estava em seu interior, movimentando e embalando o boi para a animação da brincadeira, enquanto outros filhos incorporados brincavam e cantavam ao redor do boi, movidos ao ritmo do tambor. Havia muita bebida e comida, característica marcante dos caboclos codoenses, que trazem fartura a mesa de seus médiuns. Depois desse dia, passei a visitar o terreiro com mais frequência para conhecer mais sobre a encantaria e sobre a própria casa e em dezembro do mesmo ano entrei para a casa, dando início a uma auto descoberta revolucionária através da fé.

Imagem 1- Boi de 3 Estrelas no Terreiro da casa de Santo de Pai Felipe



Fonte: arquivo pessoal (2020)

Neste terreiro a festa era em homenagem ao São Lourenço Légua e o Boi das 3 estrelas, quem recebia este encantado era o meu pai de santo, Felipe Carvalho. Sempre muito animado, Felipe conduzia a programação com muita fé e amor, movido pela energia do povo codoense. Na nossa casa a programação tinha duração de 7 dias, sendo cada um deles dedicado a um momento da vida do boi e da relação com o sagrado.

No ano de 2021 foi organizado o maior festejo em homenagem à família do Codó, o terreiro de Pai Felipe se preparou para o viver e sentir esse tempo de festa que ocorreu em outubro, iniciando no domingo posterior ao encerramento da quadra nazarena. Os festejos iniciam com uma ladainha a São Pedro, santo católico ligado sincreticamente aos codoenses, e o nascimento do Boi. Na ocasião desfilou pelo salão do terreiro uma criança brincando com uma versão pequena do Boi de 3 estrelas, um boizinho leve o suficiente para dar liberdade de criação à criança. Os filhos de santo vestiam branco da cabeça aos pés e faziam seus pedidos de bênçãos para a semana de programação que se iniciava. No segundo dia ocorreu a organização da casa para o restante da programação, um mutirão de limpeza foi realizado nos corpos – físico e espiritual – das filhas/filhos de Pai Felipe a fim de conduzirem com força, energia e fé os rituais festivos da grande festa. No terceiro dia, São Lourenço deu a ordem de juntar os caboclos em uma excursão dentro da mata para a derrubada de uma árvore, na ocasião fui o único filho de santo presente que não estava incorporado. Caminhamos em meio a mata fechada e abrindo caminho com um facão. Pisamos na lama até a beira de um rio onde o caboclo se agradou do tronco de uma das árvores, derrubaram-na e a mesma foi levada ao terreiro para ser enfeitado, coberto de frutas que simbolizam fartura e prosperidade aos participantes do festejo. Além de frutas, o mastro foi todo enfeitado com fitas das cores que representam a família de caboclos do Codó, Vermelho, Amarelo, Verde e Marrom.

Imagem 2 – Mastro da Festa de São Lourenço



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Ao anoitecer o mastro foi erguido no meio da praça e neste dia foi anunciado a morte do Boi para alimentar a população, dando lugar no salão do terreiro para um 3 estrelas maior e com capacidade para uma “tripa”, brincante que era um filho de santo escolhido na hora do acontecimento. Neste dia específico do festejo que simbolicamente representa a morte do Boi, ele, através do jogo performático do tripa, demonstra energia de luta e resistência, ele briga por sua vida, e essa energia de boi bravo é o que enriquece o fundamento dos codoenses, a energia pulsante vital de força para lutar pela vida.

No quarto dia foi feita a matança do boi. O ritual executado neste dia foi marcado pelo ato de receber e retribuir. Este ritual pode ser interpretado à luz da teoria da Dádiva, de Marcel Mauss (1974). No dom da dádiva, materializado na tríade dar, receber e retribuir, Mauss identifica o espírito da coisa, do(s) objeto(s) materiais ou simbólicos - o mana. “É o mana como espírito, como força, fonte de energia que garante a circulação da dádiva. Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ – podemos dizer igualmente, ‘cortesias’. Mas também as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ – elas e seus bens - aos outros” (MAUSS, 1974, p. 63).

A casa de Pai Felipe recebeu um boi vivo e sua carne foi utilizada para alimentar os filhos, e o sangue (Ejé) é utilizado para fortalecer os pontos de energia dos codoenses da casa, este ato dentro da afro-religião é de muita fé e energia, é possível sentir a vibração da conexão com a encararia e a espiritualidade no corpo, o entrelaçar de energias até o ato da incorporação, há uma simbologia com o couro do boi que, ao ser retirado do corpo do animal, se torna um troféu em recompensa pela matança de um boi bravo. Este couro é

jogado nas costas do filho mais novo da casa para ter sempre a força de um codoense vibrando em seu corpo. Neste ano, o filho que recebeu o couro foi eu. Segurar aquela pele quente e ainda pulsando que acabara de ser tirada em comunhão pelos irmãos de santo me ativou um estado extra-cotidiano que me levou ao ato da incorporação.

No quinto dia, a casa foi limpa e organizada, as decorações da festa foram preparadas e instaladas para que toda a ornamentação ficasse pronta com antecedência antes do tambor. No sexto dia houve a preparação das comidas e logo após, o momento de descanso aos filhos e ao pai de santo. Este momento de descanso segue a tradição de muito repouso e limpeza do corpo e das energias, em um preceito de um dia.

No sábado aconteceu o tambor de mina em homenagem à família do Codó, momento em que os caboclos se manifestaram nos médiuns para brincar e celebrar a programação bem sucedida. Neste dia o boi foi “revivido” através da encantaria e aparecia como mais um encantado para brincar. E em seu interior sempre um dos filhos de santo era o brincante que embalava esse corpo desequilibrado e potente do Boi, houve um desfile pela praça do bairro onde pessoas não praticantes da religião acompanharam o cortejo do boi das 3 estrelas, criando a partir dali um vínculo artístico-religioso local. Esse vínculo reforça a ideia de fé, cada indivíduo professando a sua, sincreticamente ligado a seu próprio guia ou exemplo espiritual, culturalmente conectados, é o movimento artístico como força transformadora da sociedade.

Imagem 3 - O cortejo do Boi de Três estrelas na praça de Marituba



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Para os filhos era sempre um momento de grande alegria, viver o processo de construção do festejo do Boi das 3 estrelas. O preparo do festejo era sempre cheio de restrições e cuidados com o corpo dos médiuns, para que energias ruins não pudessem se fazer presentes naquele momento de tanta abundância e prosperidade. Os filhos costumavam se utilizar do desequilíbrio de jogar o corpo para a frente e para trás durante a brincadeira do boi, simulando uma volatilidade e sagacidade na hora de se defender. Era vivido tão apaixonadamente que o corpo da tripa do boi era algo extraordinário alcançado somente no ato do brincar, seria quase o que disse Karine Jansen (2020); o corpo “devoto” construído para performar Jesus nas paixões de Cristo em Belém é a descrição de um corpo que sofreu um processo artístico ligado diretamente ao que suas emoções próprias lhe impulsionam, o que sua fé e força lhe faz capaz de realizar. Neste caso, o corpo da tripa do boi está diretamente ligado aos fundamentos da encantaria codoense, a energia de dentro do boi que foi consagrado pelo sangue da oferenda viva se faz catalisador para trazer à tona um corpo afetado coletivo, onde todos os filhos da casa se conectam com seus guias da família codoense e atingem um corpo extra-cotidiano. A incorporação, como diz Carvalho, Ana. (2015) seria um corpo encostado, sobre seus fundamentos, sua fé, aquilo que energiza, movimenta e pulsa dentro do seu próprio corpo.

Considerações finais

No final de 2021, Pai Felipe começou a se sentir mal com frequência, tendo que ir ao hospital diversas vezes. Por fim, descobriu-se um câncer agressivo em estado avançado, ele lutou contra a doença durante alguns meses. Mesmo debilitado, Pai Felipe nunca deixou de viver sua religião, sempre se fazendo presente nos tambores e eventos do terreiro.

No início de 2022, Pai Felipe fez sua passagem, deixando um legado de muito amor e devoção pelo sagrado. Nos preceitos do terreiro de Pai Felipe, a exemplo de muitos terreiros de religião de matriz afro-indígena, existe um ritual de despacho dos pertences do falecido, fundamentos que são necessárias

vivências da religião para compreensão. Neste preceito o boi de 3 estrelas não poderia ser jogado ao mar, então cobriu-se com um pano branco os 2 bois - o jovem e o adulto - posicionados em um canto da casa do pai Felipe, que permanecem até hoje cobertos. Os filhos de santo seguiram caminhos distintos e o terreiro fechou no final de 2022, após cumprir as obrigações pós-falecimento ensinadas na casa. O Boi das 3 estrelas nasceu junto com a casa de Pai Felipe e partiu junto com ele.

Imagem 4 - Pai Felipe/ São Lourenço



Fonte: arquivo pessoal (2020)

Na construção deste texto utilizei meu diário de campo para documentar a história e tradição do Boi das 3 estrelas, pertencente ao Caboclo Lourenço Léguas no Médium Felipe Carvalho. Através da etnografia, busquei relatar os detalhes da brincadeira do Boi que rompeu barreiras religiosas em seu bairro de origem, transformando o que era confusão em um evento de união que acontecia anualmente no bairro Pedreirinha em Marituba/Pa.

Os objetivos alcançados foram a documentação da história e uma devolutiva em forma de resenha para a família e os brincantes do Boi. Este resultado foi o primeiro registro escrito sobre o Boi das 3 estrelas. Também registrei com fotografias o arrastão do Boi na cidade de Marituba em 2020. Este trabalho também eterniza o Boi das 3 estrelas, como Homenagem ao saudoso Felipe Carvalho que foi meu pai de santo por 1 ano e 2 meses.

Imagem 5 – Eu, Pai Felipe e o Boi de 3 Estrelas



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim; SANTOS, Jorge Luiz Oliveira. É dia de folia: O folguedo do Boi de Máscara em São Caetano de Odivelas/Pa. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 2, p. 117 – 136, jul/dez. 2012.

AHLERT, Martina; LIMA, Conceição de Maria Teixeira. A família de Légua está toda na eira: tramas entre pessoas e encantados. **Etnográfica Revista do**

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (online), v. 23, n. 2, p. 447-467, 2019.

CARVALHO, Ana. Corpo-Encostado. **Repertório**, Salvador, nº 25, p. 37-40, 2015.2

CHARONE, Olinda. O teatro dos pássaros como uma forma de espetáculo pós-moderno. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v. 1, n. 1, jan/jun. 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AMORIM, Ana Karine Jansen de; SANTA BRÍGIDA, Miguel; BRITO, Waldete; LIMA, Wladilene de Sousa (org.). **Belém apaixonada**: a construção do corpo devoto nos processos performáticos das paixões de Cristo em Belém do Pará. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes-UFPA, 2014. 120 p. (Série Arte e Pensamento.).

PRANDI, Reginaldo. Nas pegadas dos voduns de como deuses africanos do Daomé aclimatados em São Luís do Maranhão, partindo de Belém do Para, vieram a se estabelecer em São Paulo, devidamente acompanhados dos encantados do Tambor-da-Mina. **Revista Afro-Ásia**, n. 19/20, p. 109-133, 1997.

MARQUES, Ester. **Mídia e experiência estética na cultura popular**. O caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. Formas e Razão da Troca em Sociedades Arcaicas In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia** Volume II. São Paulo: EPU, 1974.

MELO, Diogo Jorge de; ROSI, Marcos Henrique de Oliveira Zanotti; BARROSO, Gisele Nascimento. Nasce uma tradição de boi de encantaria: Lourenço Légua e o boi das três estrelas (Marituba -PA). **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, v. 14, n. 2, p. 68-90, 2022. ISSN 2238-7188. Dossiê: Araguaína Encantarias e encantados no Brasil: Pluralidade Conceitual e Diversidade Regional, 2022.